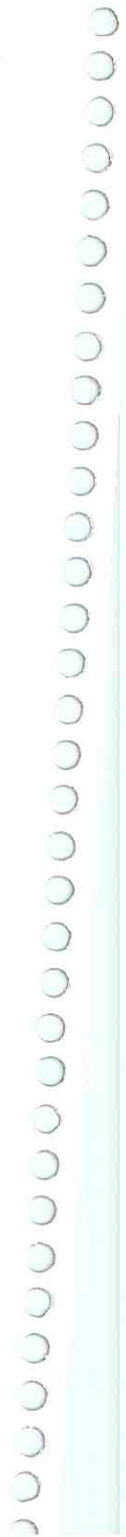


SUMÁRIO

1. Razão e Imaginação	3
2. Nação e Narração	10
3. Religião e Capitalismo	15
4. Racionalização e Alienação.....	21
5. Desencantamento e Danação.....	31
6. Narração e Visão do Mundo.....	42



SOCIOLOGIA E LITERATURA

Octavio Ianni

Deptº de Sociologia do IFCH/UNICAMP

1. RAZÃO E IMAGINAÇÃO

O contraponto “ciência e arte” continua a alimentar uma controvérsia antiga e periodicamente renovada. Algumas afirmam que ambas distinguem-se como duas linguagens, formas de pensamento e realizações radicalmente diversas. Outros alegam que há ressonâncias entre elas, quando se consideram determinadas obras. E há os que reconhecem que sempre existe algo de “artístico” na ciência, assim como algo de “científico” na arte. A controvérsia complica-se ainda mais, quando se reconhece que há artistas que têm sido simultaneamente cientistas; e vice-versa. Há filósofos dedicados à poesia, música, teatro, romance e outras linguagens. Assim como há autores de ficção cujos textos literários envolvem hipóteses científicas ou enigmas filosóficos. Sem esquecer que há músicos, pintores, escultores, poetas, cineastas e outros que dialogam com conhecimentos, convicções ou ilusões de cientistas.

Em síntese, tem sido contínuo ou reiterado o diálogo múltiplo, umas vezes polifonia e outras cacofonia, entre todos, uns e outros, no longo da história.

A controvérsia sobre o contraponto ciência e arte complica-se um pouco mais quando se reconhece que há diferenças notáveis entre as próprias ciências, com as suas várias e diferentes linguagens; da mesma forma que entre as artes, também com diferentes linguagens. As ciências podem ser “naturais” e “sociais”, ao passo que as artes podem ser “literárias” e “musicais”. Essas diversidades realmente ampliam e complicam os termos da controvérsia, exigindo especificações. Neste ensaio, no entanto, cabe circunscrever o debate ao que se pode observar no contraponto entre sociologia e literatura, o qual permite observações e intuições de interesse sobre contraponto ciências sociais e artes.

Não cabe buscar apressadamente uma solução para a controvérsia, já que ela é realmente complexa, talvez insolúvel. Mas cabe reconhecer que a ciência e a arte podem ser tomadas como duas linguagens distintas, ambas compreendendo formas de conhecimento e imaginação. Ambas revelam algum compromisso com a “realidade”, taquigrafando-a ingênua ou criticamente, procurando representá-la, sublimá-la ou simplesmente inventá-la. Há produções científicas e artísticas que lidam com o que se pode denominar de “realidade virtual”, fabulando sobre mundos imaginários, compreendendo utopias, nostalgias ou escatologias. Talvez se possa dizer que em toda criação intelectual, seja científica ou artística, há sempre um quê de exorcismo. O que poderia ser a realidade, em geral é delimitado, taquigrafado, compreendido, interpretado e exorcizado. A narração literária e científica sempre de-

canta algo, no sentido literal e metafórico, sem esquecer que canta, encanta ou desencanta. Sim, as narrativas artísticas e científicas são criações intelectuais impregnadas de figuras de linguagens, imagens, metonímias, metáforas, alegorias, aforismos, parábolas. Simultaneamente, são duas linguagens radicalmente distintas, já que uma é literária e a outra científica.

A narrativa literária compreende imagens e figuras de linguagem, além do ritmo e da melodia. Compreende metonímias e metáforas, entre outras figuras, além de elaborar parábolas, alegorias e outras modalidades de cantar e decantar, fabular e exorcizar. A narração pode ser naturalista, realista, simbolista, fantástica ou outra, mas em todos os casos estão em causa imagens, figuras, ritmos e melodias, que podem enriquecer-se com montagens, colagens, bricolagens, simulacros e outros artifícios narrativos. Talvez predomine na narrativa literária a situação, o incidente, o particular ou singular, podendo ser prosaico ou excepcional, irrelevante ou heróico, cômico ou trágico, dramático ou épico. É daí que o leitor depreende algo que se esconde e transcende, desafia e incomoda ou assusta e fascina.

A narrativa sociológica compreende principalmente descrições e interpretações, envolvendo conceitos, categorias, leis ou outras noções comprometidas com a fundamentação empírica e a consistência lógica. A narração sociológica pode ser monográfica ou ensaística, em termos funcionalistas, dialéticos, weberianos, estruturalistas, sistêmicos ou outros. Nela predominam os nexos causais mais ou menos complexos ou as condições e possibilidades, indicando tendências. Aí estão presentes o que é singular e o que é geral, sem esquecer obviamente as mediações. Em geral, a narrativa sociológica busca o que é

geral, predominante, tendência principal, alternativa possível; sempre reconhecendo o emaranhado das relações, tensões, e contradições ou configurações. Esse o contexto do qual se decantam conceitos, categorias, leis ou condições e possibilidades.

A despeito das diferenças evidentes e fundamentais, as narrativas sociológicas e literárias muitas vezes se aproximam. As sociológicas com frequência mobilizam metáforas ou outras figuras de linguagem: virtú, fortuna, infra-estrutura, superestrutura, anomia, robinsonada, vampirismo, desencantamento do mundo e outras. E as narrativas literárias com frequência revelam intuições ou mesmo formulações muito próximas do conceito, categoria ou lei. Como diz o príncipe, em *O Leopardo* de Lampedusa, há época nas quais cabe mudar alguma coisa para que tudo continue como estava.

“Serão dias de muita desordem e confusão, mas a *villa* Salina vai ficar segura como uma rocha... Tudo vai melhorar, creia-me, Excelência. Os homens honestos e habilidosos poderão progredir. O resto ficará como dantes... Porque tudo fica na mesma. No fundo dá na mesma, apenas com uma insensível substituição de classes”.¹

Em outros termos, essa é a tese da “revolução passiva” ou “revolução restauração” formulada por Gramsci.²

Cabe reconhecer, ainda, que a literatura e a sociologia aproximam-se bastante, no que se refere à construção de tipologias. Ambas

¹ Giuseppe Tomasi di Lampedusa, *O Leopardo*, trad. de Rui Cabeçadas, 3ª. edição, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1963, pp.36-38.

² Antonio Gramsci, *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*, trad. de Luiz Mário Gazzaneo, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968, pp. 75-81, capítulo intitulado “O Moderno Príncipe”.

as narrativas estão repletas de tipos e tipologias elaborados literária ou sociologicamente. São notáveis os tipos ideais que povoam a literatura: Hamlet, Don Quixote, Robinson Crusóé, Don Juan, Fausto, Pai Gorit, Madame Bovary, Martin Fierro, O senhor Presidente, Pedro Paramo, Macunaima e outros. Assim como são notáveis os tipos ideais povoando a sociologia: o burguês, o operário, o camponês, o tirano, o príncipe, o demagogo, o carismático, o revolucionário, o intelectual e outros.

Há épocas ou conjunturas históricas nas quais o contraponto literatura e sociologia pode revelar-se particularmente significativo, não só pelas convergências, mas também pelas revelações. As convergências, ressonâncias, contemporaneidades ou coincidências, envolvendo sempre temas, dilemas, situações e incidentes próprios da ocasião, podem ser reveladoras de algo mais geral, característico da época ou conjuntura. Nesse sentido é que são reveladores os contrapontos “nação e narração”, “religião e capitalismo”, “racionalização e alienação” ou “desencantamento e danação”, entre outros desafiando ciências, artes e filosofias.

Quando se fala em algo mais geral, característico da época ou conjuntura, logo se coloca o enigma do estilo de pensamento ou da visão do mundo. É como se houvesse algo no ar, um clima sócio-cultural particularmente novo ou provocativo, que alimentasse diferentes criações, não só de escritores e sociólogos, mas também de outros, incluindo filósofos. Haveria inquietações, dilemas e ilusões predominantes, ressoando nas narrativas, interpretações e fabulações. É como se as narrativas, bem como outras criações, sintetizassem e decantassem algo que poderia ser essencial na época ou conjuntura.

É possível reconhecer que há muito de *virtú*, e fortuna no pathos político que atravessa *Hamlet*, *Macbeth* e *Henrique V* de Shakespeare, assim como em *O Príncipe* de Maquiavel. Essas narrativas talvez já estivessem revelando algo particularmente essencial dos tempos modernos, na medida em que a política passava a ser crescentemente fundamental na organização e dinâmica da sociedade. Essas revelações foram sendo enriquecidas com outras narrativas e muitos fatos históricos, tendo um dos seus momentos excepcionais na Revolução Francesa, simultaneamente nacional, europeia e mundial. Esse foi um momento crucial, quando o contraponto fortuna e virtú resulta no pathos político em cujo clima se formula o emblema da democracia: liberdade, igualdade e fraternidade; o mesmo pathos no qual se manifesta o terror revolucionário. Algo que já vinha de longe nos tempos modernos, continuando pelo século vinte afora. “Napoleão disse uma vez, diante de Goethe, que nas tragédias do nosso tempo a política havia substituído o destino das tragédias antigas”.³

As narrativas literárias e sociológicas adquirem níveis excepcionais, tornando-se propriamente não só notáveis mas clássicas, quando os seus autores lidam criativamente com a paixão, a intuição e a imaginação. Talvez todas tenham algo em comum, na medida em que todas estão impregnadas de fabulação.

É óbvio que atividade intelectual do cientista social geralmente está referida à “realidade”. Lida com fato e evidência, dado e significado, nexos e processo, hierarquia e estrutura, diversidade e desigual-

³ Georg Wilhelm Friedrich Hegel, *Lecciones Sobre la Filosofia de la Historia Universal*, trad. de José Gaos, 4a. edição, Ediciones de la Revista de Occidente, Madrid, 1974, p. 499.

dade, continuidade e descontinuidade, ruptura e transformação. Já que a realidade é complexa, intrincada, opaca e infinita, a reflexão é levada a taquígrafar e selecionar, para compreender e explicar, ou esclarecer. Nesse percurso, a despeito de todo o rigor da pesquisa e reflexão, ocorre sempre e necessariamente a decantação. A realidade nunca aparece na interpretação, a não ser figurada e significativamente, por articulações, nexos e tensões, que não se dão empiricamente. São articulações, nexos e tensões que se depreendem ou constroem logicamente.

“É, sem dúvida, necessário distinguir o método de exposição formalmente, do método de pesquisa. A pesquisa tem de captar detalhadamente a matéria, analisar as suas várias formas de evolução e rastrear sua conexão íntima. Só depois de concluído esse trabalho é que se pode expor adequadamente o movimento real. Caso se consiga isso, e espelhada idealmente agora a vida da matéria, talvez possa parecer que se esteja tratando de uma construção *a priori*”.⁴

Sim, a metamorfose da pesquisa em narração, ou conceito, categoria e interpretação, é sempre um processo no qual entra a imaginação. Não se trata da imaginação solta e inocente, mas instigada pelos enigmas das relações, nexos, processos, estruturas, rupturas e condições que povoam a reflexão. Nesse sentido é que a interpretação científica mobiliza rigor e precisão, tanto quanto paixão e inspiração.

“Com efeito, para o homem, enquanto homem, nada tem valor a menos que ele possa fazê-lo com paixão... Por mais intensa que seja essa paixão, por mais sincera e mais profunda, ela não bastará,

⁴ Karl Marx, *O Capital*, 3 vols., Nova Cultural, São Paulo, 1988, vol. I, tomo I, p. Citação extraída do “Posfácio da Segunda Edição”. Este primeiro tomo foi traduzido por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe.

absolutamente, para assegurar que se alcance êxito. Em verdade, essa paixão não passa de requisito da “inspiração”, que é o único fator decisivo... Essa inspiração não pode ser forçada. Ela nada tem em comum com o cálculo frio... O trabalho e a paixão fazem com que surja a intuição, especialmente quando ambos atuam ao mesmo tempo. Apesar disso, a intuição não se manifesta quando nós queremos, mas quando ela o quer”.⁵

A paixão e a intuição podem ser as estradas pelas quais se chega à fabulação, território no qual se realizam tanto o conhecimento como a fantasia, tudo isso traduzido em narração. Narra-se para interpretar e fabular, ou para construir categorias e alegorias. Essa parece ser uma faculdade desenvolvida universalmente, ainda que segundo diferentes linguagens, parâmetros, modelos, paradigmas ou estilos.

2. NAÇÃO E NARRAÇÃO

É mais do que evidente que a sociologia e a literatura nascem e desenvolvem-se desafiadas, influenciadas ou fascinadas pela questão nacional. Colaboram decisivamente na elaboração do mapa da nação, ajudando a estabelecer o território e a fronteira, a história e a tradição, a língua e os dialetos, a religião e as seitas, os símbolos e as façanhas, os santos e os heróis, os monumentos e as ruínas.

Em larga medida, a história da sociologia pode ser vista como a história de uma larga reflexão sobre a questão nacional. Modificam-se

⁵ Max Weber, *Ciência e Política* (Duas Vocações), trad. de Leonidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota, Editora Cultrix, São Paulo, 1985, pp. 25-26. Citação extraída da conferência “A Ciência como Vocação”.

os temas e as perspectivas, assim como as situações e os incidentes, mas predomina a problemática nacional. A sociedade nacional, vista como um todo ou em algum dos seus aspectos, está sempre presente. Sim, a sociedade nacional é o emblema por excelência de grande parte da produção sociológica.

E isto é evidente nos escritos de Maquiavel, Rousseau, Spencer, Tocqueville, Marx, Durkheim, Weber, Lenin, Mauss, Parsons, Dahrendorf, Giddens e muitos outros, independentemente das diferentes perspectivas metodológicas. Não se trata de imaginar que a questão nacional é única ou predominante nos escritos desses e outros autores. Nem se trata de imaginar que se abstêm de reflexões críticas. Alguns lidam com o nacional e o internacional, assim como com o presente e o passado, ou o próximo e o remoto, envolvendo tribos, nações, nacionalidades, culturas e civilizações. Outros empenham-se, simultaneamente, na formulação de novas teorias, discutindo tanto problemas ontológicos como epistemológicos. Trata-se de autores cujos escritos abrem-se para os mais diversos temas, assim como dialogam com enigmas suscitados pela filosofia ou desafios colocados por criações artísticas. Alguns não são apenas plurais, mas polifônicos. Em todo o caso, há em seus escritos alguma contribuição para o entendimento da questão nacional. O emblema sociedade nacional, nação ou estado-nação ressoa neles. Sendo que muitas vezes predomina.

São também muitas e notáveis as narrativas literárias nas quais manifesta-se a preocupação aberta ou implícita, consciente ou inconsciente, pela questão nacional. É o que se pode observar em escritos de Shakespeare, Cervantes, Camões, Defoe, Balzac, Dickens, Tolstoi,

Whitman, José Hernandez, José de Alencar, José Martí, Miguel Angel Asturias, Mario de Andrade, Gabriel Garcia Marquez, Octavio Paz, Augusto Roa Bastos e outros. É óbvio que os escritos desses autores envolvem também outros temas, compreendendo inclusive a crítica ou o ceticismo sobre a questão nacional. Em alguma medida, uns e outros dialogam com produções científicas e criações artísticas diversas, de diferentes países ou épocas. São plurais, polifônicos.

Nos dois casos, no entanto, há algo ou muito de imaginação. Tanto o escritor como o sociólogo são levados a delimitar, selecionar e taquigrafar para compreender, interpretar ou conhecer. A despeito das diferenças de linguagens, já que um busca o conceito e o outro a metáfora, é inegável que ambos participam do processo de invenção da nação. Privilegiam algumas situações e alguns incidentes, ou temas e desafios, ao mesmo tempo que deixam de lado, menosprezam ou simplesmente esquecem outros. Exorcizam e decantam.

Quando se trata da nação, há sempre algo de invenção. Seja a invenção pelo esquecimento, seja pela fabulação. São diferentes as formas de realizar a invenção, sendo que em muitos casos pode ser indispensável a omissão.

“O esquecimento e, inclusive, eu diria que o erro histórico, são fatores essenciais na criação da nação. Por isso é que o progresso dos estudos históricos pode ser freqüentemente um perigo para a nacionalidade. De fato, a pesquisa histórica esclarece os fatos violentos ocorridos na origem de todas as formações políticas, inclusive aqueles cujas conseqüências tenham sido mais benéficas. A unidade sempre se faz brutalmente”⁶

⁶ Ernest Renan, *Que es un Nacion?*, trad. de Rodrigo Fernandez Carvajal, 2a. edição, Centro de Estudios Constitucionales, Madrid, 1983, pp. 14-15. Consultar também:

É provável que a literatura disponha de muitos recursos para lidar com a nação, como um todo ou em alguns dos seus aspectos. Ao lidar com situações e incidentes, presentes e passados, reais e imaginários, tanto lembra como esquece. As suas figuras de linguagens, imagens, metáforas, alegorias permitem levar o exorcismo e a fabulação ao paroxismo. “As nações, portanto, são construtos imaginários que dependem, para a sua existência, de um aparato de ficções culturais, no qual a imaginação literária joga um papel decisivo”.⁷

Sim, a nação pode ser vista em diferentes perspectivas, umas vezes convergentes e outras contraditórias. Pode ser vista em fragmentos ou como um todo. E esse todo pode ser visto como algo pronto, completo e acabado, ou como algo em processo, que se forma e transforma. Em todos os casos, pode ser principalmente uma criação literária ou sociológica; produto da imaginação.

Vista assim, como invenção, a nação parece uma fantasia do escritor ou do sociólogo; assim como fantasia composta nas criações de outras ciências sociais e linguagens artísticas. Mas logo se observa que a nação está nas mentes e corações de muitos, coletividades, grupos e classes sociais, assim como sindicatos, partidos políticos, movimentos sociais e correntes de opinião pública. Isto significa que ela é, simultaneamente, sentida, pensada e imaginada por uns e outros, a despeito

Frederick Hertz, *Nationality in History and Politics*, Kegan Paul, Londres, 1945, esp. cap. VIII: “Political Thought and National Ideology”.

⁷ Timothy Brennan, “The National Longing for Form”, publicado por Homi K. Bhabba (Editor), *Nation and narration*, Routledge, Londres, 1990, cap. 4, pp. 44-70; citação da p. 49. Consultar também: Georg Lukács, *La Novela Histórica*, trad. de Manuel Sacristán, Ediciones Grijalbo, Barcelona, 1976; Jean Franco, *The Modern Culture of Latin America*, Penguin Books, 1970, Middlesex, England.

das desigualdades e tensões sociais atravessando continuamente as relações sociais, o jogo das forças sociais.

Sendo assim, a nação torna-se simultaneamente realidade e ficção. Uns querem modernizá-la, no sentido de aperfeiçoar o status quo, ao passo que outros querem transformá-la, no sentido de negar e superar a sua forma presente. Há os que a imaginam conforme a utopia, assim como os que a imaginam com nostalgia. Mas todos, ou a grande maioria, têm sido levados a agir, pensar, sentir, compreender, explicar ou fabular tendo como referência esse emblema, algo simultaneamente real e imaginário.

Ocorre que todos, indivíduos e coletividades, se constituem como atores de um vasto e infundável espetáculo. Um espetáculo que se desenrola em vários palcos, diferentes, separados, justapostos e mesclados. Um desses palcos tem sido a nação, palco no qual encontra-se uma profusão de cenários, que se alteram, rearranjam ou transformam, conforme o jogo das forças sociais. Todos, indivíduos e coletividades, são reais, como personagens: principais e secundários, conscientes e inconscientes, assumidos e sonâmbulos. Formam-se ao acaso, na trama das relações sociais e no jogo das forças sociais. São carentes, inacabados, mutilados ou desesperados, assim como podem ser assumidos, exigentes, auto-conscientes. Podem ser mandantes, dirigentes ou dominantes, assim como humilhados, subalternos ou alienados. Nesse sentido é que a nação pode ser vista como um imenso palco, no qual se desenrola um vasto e infundável espetáculo, aonde uns e outros buscam ou afirmam o seu papel, fisionomia e identidade, ou autoconsciência, descortínio e humanidade.

Sob todos os ângulos, a nação aparece como realidade. Está na história e geografia, compreendendo cultura e religião, língua e tradição, grupos e classes, raças e etnias, além da sociedade e da economia. E tem sido atravessada pelo nacionalismo, localismo, regionalismo, colonialismo, imperialismo e globalismo. Mas a nação é também ficção, invenção e fantasia. Tanto é assim, que está sempre imaginada, tanto como utopia como nostalgia.

3. RELIGIÃO E CAPITALISMO

Um momento importante do contraponto sociologia e literatura diz respeito ao enigma protestantismo e capitalismo. A despeito de que esse enigma é antigo, somente foi formulado em alguns dos seus termos principais no século dezanove; adquiriu uma formulação mais convincente nos primeiros anos do século vinte. Foi necessária uma longa reflexão, acompanhada de debates e pesquisas, para que os termos principais do enigma pudessem ser equacionados e, em parte esclarecidos. Talvez se possa dizer que a formulação mais desenvolvida desse enigma, tanto em narrativas sociológicas como literárias, represente um momento particularmente avançado do processo de desencantamento do mundo. Representa um exorcismo excepcional, não o derradeiro, do modo pela qual a religião em geral e o protestantismo em especial entram na vida dos indivíduos e coletividades, nas formas de sociabilidade e no jogo das forças sociais. Trata-se de um momento avançado do processo de racionalização do mundo, como contrapartida necessária do desencantamento do mundo; desencantamento que se

desenvolve com a ciência, a técnica e o experimentalismo, a burocratização da empresa, mercado, cidade, estado e direito, a secularização da cultura e das relações sociais, a individuação e o individualismo. Foi necessário um longo empenho intelectual, levando as conquistas do Renascimento, Iluminismo e Enciclopedismo aos extremos do paroxismo, para que se pudesse equacionar audaciosamente a aliança entre religião e economia, particularmente entre protestantismo e capitalismo, o que pode significar a criação de outras condições para surpreendentes pactos diabólicos.

O protestantismo e o capitalismo estão no centro de *Os Buddenbrook* de Thomas Mann, publicado em 1901, assim como no centro de *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* de Max Weber, de 1905.⁸ Em linguagens radicalmente distintas, ambos focalizam o mesmo enigma, a maneira pela qual a ética protestante, crescentemente secularizada, está presente na maneira pela qual os indivíduos e as coletividades vivem e trabalham. Tudo o que diz respeito à vida cotidiana, compreendendo as atividades e as responsabilidades, os direitos e os deveres, passa a ser crescentemente pautado pela ética protestante, também crescentemente secularizada. Isto é, pouco a pouco a ética religiosa transforma-se em ética social, fórmula de sociabilidade, modo de ser, pensar, agir, mandar, obedecer, sentir e imaginar. Paulatinamente, uns e outros, proprietários e assalariados, urbanos e rurais, dirigentes e subalternos, todos são levados a agir segundo os mesmos parâmetros.

⁸ Thomas Mann, *Os Buddenbrook*, trad. de Herbert Caro, Edição Livros do Brasil, Lisboa, s/d. Max Werber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, trad. de M. Irene de Q. F. Szmrecsanyi e Tamás J. M. K. Szmrecsanyi, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1967.

O que está em causa é viver e trabalhar como um exercício de predestinação. Cada um e todos atuando de conformidade com sua vocação, de modo a cumprir a sua missão. O máximo de ascetismo no exercício da vida e da profissão, de forma a realizar da melhor maneira possível a vocação. Ninguém sabe nem saberá se será salvo ou condenado à danação, por isso é essencial o máximo de ascetismo. Um ascetismo religioso, protestante, mas crescentemente secularizado, que se reaviva no templo e no exercício da vida cotidiana, traduzindo em atividades e códigos de conduta habituais na casa e na rua, fábrica e usina, escola e igreja, cidade e nação.

O trabalho pode ser a forma por excelência de exorcizar e sublimar o que pode haver de tentação e pecado, evitando a culpa e prevenindo o castigo.

“Todos, sem exceção, recebem uma vocação da Providência Divina, vocação que deve ser por todos reconhecida e exercida... Não é trabalho em si, mas um trabalho racional, uma vocação, que é perdida por Deus. Na concepção puritana de vocação, a ênfase sempre é posta neste caráter metódico da ascese vocacional... A riqueza, desta forma, é condenável eticamente, só na medida que constituir uma tentação para vadiagem e para o aproveitamento pecaminoso da vida... A concepção puritana de vocação e a exigência de um comportamento ascético iria influir no desenvolvimento do estilo de vida capitalístico... Esse ascetismo secular do protestantismo opunha-se, assim, poderosamente, ao espontâneo usufruir das riquezas, e restringia o consumo, especialmente o consumo do luxo”.⁹

⁹ Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, citado, pp. 114, 115, 116, 119, e 122. Citações do cap. 5: “A Ascese e o Espírito do Capitalismo”.

À medida que se difunde e enraíza, saindo dos claustros, conventos, igrejas ou templos, e secularizando-se no cotidiano da vida e trabalho, essa ética transforma-se em parâmetro de todos, indivíduos e coletividades. Traduz-se cada vez mais em práticas e preceitos, normas e diretrizes, exigências e imposições. Assim se trilha o caminho do castigo ou redenção. “O avô acrescentará às notícias muito boas exortações para a descendência, entre as quais, desenhada em altas letras góticas e cuidadosamente emoldurada, se destacava a frase:

“Meu filho, de dia dedica-te com gosto aos negócios, mas faze-o de maneira que, de noite possas dormir, tranqüilamente. E demonstra-se circunstanciadamente que a velha Bíblia, impressa em Wittemberg, pertencia ao autor da anotação... Thomas dedicava-se com toda a energia ao trabalho, imitando a aplicação tenaz e silenciosa do pai, que se esfalfava, cerrando os dentes e enchendo o seu diário com muitas preces que imploravam a ajuda de Deus... Nós, minha filha, não nascemos para aquilo que, com olhos imprevidentes, consideramos como a nossa pequena felicidade pessoal, pois não somos indivíduos livres nem independentes, que vivem por si sós, mas sim, elos de uma corrente”¹⁰.

A narrativa sociológica ressoa na literária, assim como esta naquela, a despeito das linguagens diversas. Mas é provável que as convergências, ressonâncias ou contemporaneidades revelem o clima cultural em que se dá a elaboração da narrativa. O enigma estava no ar, presente e exigente, interrogando pensadores, escritores, filósofos, cientistas, artistas, em suas diversas linguagens; interrogações também presentes na vida da sociedade, em seus diferentes círculos de convivência e trabalho.

¹⁰ Thomas Mann, *Os Buddenbrook*, citado, pp. 40, 54 e 106.

“Atribuo alguma importância à constatação de que senti e inventei completamente, por minha iniciativa, sem qualquer leitura, por compreensão direta, a idéia de que o homem de trabalho capitalista moderno, o burguês com sua *idéia ascética* do dever profissional, é uma criatura da ética protestante, do puritanismo e do calvinismo. Somente *a posteriori*, há pouco tempo, me dei conta de que essa mesma idéia havia sido simultaneamente pensada e expressa por pensadores eruditos. Max Weber em Heidelberg, depois dele Ernst Troeltsch, trataram da ética protestante e o espírito do capitalismo. Esta idéia foi levada à sua máxima expressão na obra *O Burguês*, de Werner Sombart aparecida em 1913, na qual interpreta o empresário capitalista como síntese do herói, do comerciante e do burguês... Mas o que quero acrescentar de novo é a suspeita, que equívale a uma certeza, de que nossa coincidência com relação à seqüência psicológica “calvinismo, burguesidade, heroísmo” existe em virtude de um intermediário espiritual superior, supremo: Nietzsche”.¹¹

Outra figura importante nessa história, é a de Max, certamente outro “intermediário”. Em várias passagens dos seus escritos sobre a formação do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório, menciona o contraponto religião e economia, ou protestantismo e capitalismo. Em um texto de 1844 colocava alguns dos termos fundamentais do enigma.

“Lutero venceu efetivamente a servidão pela *devoção* porque a substituiu pela servidão da *convicção*. Acabou com a fé na autoridade porque restaurou a autoridade da fé. Converteu sacerdotes em leigos porque tinha convertido leigos em sacerdotes. Libertou o homem da religiosidade externa porque erigiu a religiosidade no

¹¹ Thomas Mann, *Consideraciones de un Apolítico*, trad. de León Mames, Ediciones Grijalbo, Barcelona, 1978, pp. 164-165.

interior do homem. Emancipou o corpo das cadeias porque sujeitou de cadeias o coração".¹²

Essa é uma hipótese interessante: o enigma protestantismo e capitalismo, que vinha germinando há muito tempo, adquire contornos mais nítidos nos escritos de Marx e Nietzsche. E alcança suas formulações mais elaboradas nos escritos de Thomas Mann, Max Weber, Ernst Troeltsch e Werner Sombart. Mas não se encerra aí. Caminha pelo século vinte adentro e espalha-se pelos quatros cantos do mundo. Reaparece em escritos de ciências sociais.¹³ E pode estar ressoando em narrativas literárias, cinematográficas e outras.

Essa é uma problemática periodicamente recriada, já que caminha na esteira do desenvolvimento extensivo e do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório. Recoloca-se em termos de protestantismo, catolicismo, islamismo, confucionismo, budismo e capitalismo, sempre compreendendo aspectos mais gerais da problemática religião e economia. Mas o que predomina é o enigma relativo ao contraponto ascetismo, profissão, vocação, disciplina, racionalidade, produtividade e trabalho. Está sempre em causa o exorcismo e a sublimação, por meio dos quais indivíduos e coletividades ajustam-se às exigências do processo de trabalho e produção, em geral atravessa-

¹² Karl Marx, "Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel", publicado no volume intitulado *A Questão Judáica*, trad. de Wladimir Gomide, Editora Laemmert, Rio de Janeiro, 1969, pp. 103-127; citação da p. 118.

¹³ R. H. Tawney, *A Religião e o Surgimento do Capitalismo*, trad. de Janete Meiches, Editora Perspectiva, São Paulo, 1971; Maxime Rodinson, *Islam y Capitalismo*, trad. de Marta Rojzman, Siglo Veintiuno Editores, Buenos Aires, 1973; Michio Morishima, *Capitalisme et Confianisme (L'Éthique Japonaise et la Technique Occidentale)*, Flammarion, Paris, 1986.

do pela alienação. Esse pode ser um momento avançado da longa e intrincada história do desencantamento do mundo.

Ocorre que a religião tem sido um núcleo essencial da cultura, traduzindo-se com frequência em metáforas, parábolas e alegorias. Toda a formação social, tribo, nação e nacionalidade, ou comunidade e sociedade, sintetiza-se também na religião. Muito do que pode ser a cultura, como condição e produto das formas de sociabilidade, decanta-se na religião.

4. RACIONALIZAÇÃO E ALIENAÇÃO

Um momento excepcionalmente heurístico do contraponto sociologia e literatura diz respeito à dialética racionalização e alienação. Sim, logo de início coloca-se a tese de que o mesmo processo de desencantamento do mundo leva consigo o processo de alienação. Em lugar do esclarecimento e emancipação, o sofrimento e a alienação. A mesma crescente incorporação de conhecimentos científicos pela sociedade, traduzindo ciência em técnica, implica na crescente subordinação de indivíduos e coletividades às organizações, às burocracias e aos sistemas, articulados ou em descompasso, mas em geral enlaçados uns aos outros, em cadeia.

Desde os inícios dos tempos modernos, intensifica-se e generaliza-se o processo de racionalização das organizações e instituições; também das atividades e mentalidades, envolvendo indivíduos e coletividades. Com altos e baixos, avanços e recuos, esse é um processo

que se desenvolve na empresa, corporação, mercado, cidade, estado e direito, ao mesmo tempo que se desenvolve com o mercantilismo, o colonialismo, o imperialismo e o globalismo; sem esquecer o nacionalismo. Em larga medida, essa é também a história do capitalismo, como modo de produção e civilização. Em boa parte, o pensamento social em geral, da economia e sociologia à política e à demografia participam desse processo. Em outra escala e em outros termos, há algo de racionalização do mundo na forma pela qual desenvolve-se a imprensa, a escola, a igreja, o teatro, o romance, o filme, a cultura de massa, a indústria cultural. Sob vários aspectos, o mesmo processo de desencantamento do mundo desenvolve organizações, burocracias e sistemas relembrando metafórica ou literalmente algo da “prisão de ferro”.

O processo de racionalização das organizações e instituições, públicas e privadas, leigas e religiosas, nacionais e internacionais, realiza-se também e necessariamente no âmbito das ações e relações sociais, dos comportamentos e atividades, das práticas e idéias. Desenvolve-se de forma particularmente acentuada e geral na empresa e corporação, no mercado e cidade, na escola e igreja, na mídia impressa e eletrônica, no estado e no direito. Difunde-se por todas as partes e todos os poros da sociedade, em âmbito nacional e mundial, envolvendo indivíduos e coletividades.

A problemática da racionalização das organizações, instituições, atividades e mentalidade está bastante presente em narrativas sociológicas e literárias. Já se manifesta em escritos de Maquiavel e Shakespeare, desenvolve-se nos de Marx e Balzac e alcança níveis avançados nos de Weber e Kafka. De forma aberta ou implícita, consciente ou in-

consciente, são muitos os que se dedicam a registrar, descrever, compreender, explicar, valorizar ou exorcizar a formalização, sistematização, burocratização, modernização ou racionalização que impregna crescentemente as organizações, instituições, atividades e mentalidades.

Esse o clima em que surge a metáfora da “prisão de ferro”. De tanto organizar, sistematizar, contabilizar, calcular, burocratizar, modernizar ou racionalizar, o homem moderno acaba por ver-se metido em uma jaula de ferro, provavelmente sem porta nem janela. De repente, se vê delimitado, confinado, subordinado, adjetivado, administrado. O seu engenho e a sua técnica traduzem-se em redes, emaranhados, teias, prisões. Aos poucos, as criaturas submetem o criador, como em um mundo cada vez mais fantasmagórico.

“O puritano queria tornar-se um profissional, e todos tiveram que segui-lo. Pois quando o ascetismo foi levado para fora dos mosteiros e transferido para a vida profissional, passando a influenciar a moralidade secular, fê-lo contribuindo poderosamente para a formação da moderna ordem econômica e técnica ligada à produção em série através da máquina, que atualmente determina de maneira violenta o estilo de vida de todo indivíduo nascido sob esse sistema, e não apenas daqueles diretamente atingidos pela aquisição econômica, e, quem sabe, o determinará até que a última tonelada de combustível tiver sido gasta. De acordo com a opinião de Baxter, preocupações pelos bens materiais somente poderiam vestir os ombros do santo como um ténue manto, do qual a toda hora se pudesse despir. O destino iria fazer com que o manto se transformasse numa prisão de ferro. Desde que o ascetismo começou a remodelar o mundo e a nele se desenvolver, os bens materiais foram assumindo uma crescente, e, finalmente, uma inexorável força sobre os homens, como nunca antes na História... Ninguém sabe ainda a quem caberá no futuro viver nessa prisão, ou se, no fim

dêsse tremendo desenvolvimento, não surgirão profetas inteiramente novos, ou um vigoroso renascimento de velhos pensamentos e idéias, ou ainda se nenhuma dessas duas - a eventualidade de uma petrificação mecanizada...”¹⁴

Nessa mesma época, na transição do século dezenove para o vinte, e crescentemente no curso do século vinte, intensifica-se e generaliza-se a racionalização das organizações, instituições, atividades e mentalidades. Tudo tende a ser organizado, formalizado, sistemático, calculado, contabilizado, modernizado ou racionalizado. Tanto é assim, que as ciências sociais e as artes, em geral, participam ativamente, ou são levadas a participar, dessa tendência. Os temas, as situações e os incidentes que povoam as narrativas revelam algo, ou muito, nesse sentido.

Várias narrativas de Kafka podem ser lidas como criações situadas nesse clima. Além dos seus enigmas filosóficos, religiosos, políticos ou outros, elas contribuem decisivamente para a revelação do desenho da prisão de ferro, literal ou metaforicamente. São um mergulho audacioso, surpreendente, aflitivo e fascinante, ou fantasmagórico. É como se o inesperado e absurdo estivessem escondidos em tudo o que parecia inocente, claro e transparente.

Esse o tom em que se narra *O Processo*, *O Castelo*, *A Grande Muralha da China*, *A Construção* e *Na Colônia Penal*, sem prejuízo dos seus enigmas filosóficos, religiosos e políticos. Em cada uma dessas narrativas, tudo o que é objetivo, direto, neutro e isento, revela-se simultaneamente assustador e fascinante. São criações mágicas, das quais salta o fantasmagórico. Podem ser vistas como alegorias da alie-

¹⁴ Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, citado, pp. 130-131.

nação inexorável escondida na racionalização do mundo. Expressam um momento excepcional da história, quando a modernidade se rompe em pós-modernidade, quando a racionalização transforma o conhecimento em técnica de alienação.

“O aparelho está aqui à nossa frente. Como se vê, ele se compõe de três partes. Com o correr do tempo surgiram denominações populares para cada uma delas. A parte de baixo tem o nome de cama, a de cima de desenhador e a do meio, que oscila entre as duas, se chama rastelo... O nome combina. As agulhas estão dispostas como as grades de um rastelo e o conjunto é acionado como um rastelo, embora se limite a um mesmo lugar e exija muito maior perícia. Aliás o senhor vai compreender logo. Aqui sobre a cama coloca-se o condenado. Quero no entanto primeiro descrever o aparelho e só depois fazê-lo funcionar eu mesmo... Esta é a cama. Está totalmente coberta com uma camada de algodão; o senhor ainda vai saber qual é o objetivo dela. O condenado é posto de bruços sobre o algodão, naturalmente nu; aqui estão, para as mãos, aqui para os pés e aqui para o pescoço, as correias para segurá-la firme. Aqui na cabeceira da cama, onde, como eu disse, o homem apóia primeiro a cabeça, existe este pequeno tampão de feltro, que pode ser regulado com a maior facilidade, a ponto de entrar bem na boca da pessoa. Seu objetivo é impedir que ela grite ou morda a língua. Evidentemente o homem é obrigado a admitir o feltro na boca, pois caso contrário as correias do pescoço quebram sua nuca.”¹⁵

Como diz Kafka, o aparelho cumpre a sentença realizando a tortura e o assassinato do condenado. A técnica torna-se cada vez mais eficaz, desenvolvendo várias operações simultâneas e combinadas, de

¹⁵ Franz Kafka, *O Veredito & Na Colonial Penal*, trad. de Modesto Carone, 2a. edição, 1988, pp. 34-36. Citação de *Na Colônia Penal*.

tal modo que ao operador do aparelho não cabe nada mais do que apenas acioná-lo, já que o próprio aparelho se desliga assim que completa a sua tarefa; ou melhor, assim que se cumpre a sentença. A ficção pre-nuncia a robótica, a automação. Aos poucos, os aparelhos adquirem maior complexidade, mais versatilidade e crescente eficácia. Começam a mover-se por si, tornando-se independentes do seu criador e podendo não só influenciá-lo como subordiná-lo.

A prisão de ferro imaginada por Weber em 1905 ressoa no aparelho de tortura e assassinato imaginado por Kafka em 1914. As narrativas sociológica e literária registram dois momentos do progresso técnico, quando a ciência se traduz não só em técnica de produção ou emancipação, mas também de alienação. Está cada vez mais intensa e generalizada a racionalização do mundo, compreendendo as organizações, instituições, atividades e mentalidades.¹⁶

A metáfora vai longe, adquirindo diferentes significações. Manifesta-se em situações aparentemente prosaicas e ressoa no imaginário de uns e outros. Há diretrizes, instruções e decretos traduzindo o intraduzível. Transfiguram a metáfora em outras significações. Aos poucos, não se sabe mais qual é a diferença entre a prisão, o aparelho e o decreto, ou o visível e o invisível, as práticas sociais que parecem estabelecidas e as que pairam nebulosas certezas de incertezas.

“Naquela época havia muita gente, entre ela os melhores, que possuíam a seguinte máxima: Tenta, com todos os teus esforços, compreender os decretos do comando supremo, mas só até determinado ponto; a partir daí, evita pensar mais nisso. Uma máxima

¹⁶ José M. González García, *La Máquina Burocrática* (Afinidades Eletivas entre Max Weber y Kafka), Visor, Madrid, 1989.

muito sensata, que mais tarde foi transformada numa parábola frequentemente citada: evita pensar nisso, mas não porque isso te possa ser prejudicial; não temos a certeza de que pudesse ser prejudicial".¹⁷

Talvez se possa dizer que a prisão, o aparelho e o decreto imaginados por Weber e Kafka denunciem o cruel da razão iluminista. No mesmo curso do desencantamento do mundo em geral, desenvolvido com base na utopia da emancipação, o que se verifica é a crescente alienação. Em lugar da razão crítica, predomina a razão instrumental. Multiplicam-se as técnicas sociais de produção e reprodução, controle e administração ou racionalização e alienação.

O que já se esboçava nos primórdios dos tempos modernos, torna-se bastante evidente no século dezenove. Como observa Marx em 1856, à medida que se desenvolve a ciência e a técnica, aumentam as desigualdades sociais e a miséria.

“As máquinas, dotadas da propriedade maravilhosa de reduzir e tornar mais frutífero o trabalho humano, provocam a fome e o esgotamento do trabalhador. As fontes de riqueza recém-descobertas se convertem, por artes de um estranho malefício, em fontes de privações... Todos os nossos inventos e progressos parecem dotar de vida intelectual as forças materiais, enquanto reduzem a vida humana ao nível de uma força material bruta”.¹⁸

Poucos anos depois, Dostoiévski surpreende-se com a massificação e a pauperização, ao lado das magnificências do progresso capitalista. Observa que ao lado das grandes realizações materiais,

¹⁷ Franz Kafka, *A Grande Muralha da China*, trad. de Maria de Fátima Fonseca, Publicações Europa-América, Lisboa, 1976, pp. 13-14.

¹⁸ Karl Marx, “Discurso Pronunciado na Festa de Aniversário do “People’s Paper”, publicado em Karl Marx e Friedrich Engels, *Textos*, 3 vols., Edições Sociais, São Paulo, 1977, 3º vol., pp. 298-299. Edição sem indicação do tradutor.

acentuam-se as carências sociais e culturais. Está em curso mais uma das metamorfoses da multidão.

“A City, com os seus milhões e o seu comércio mundial, o Palácio de Cristal, a Exposição Internacional... Sim, a exposição é impressionante. Sente-se uma força terrível, que uniu num só rebanho todos estes homens inumeráveis, vindos do mundo inteiro; tem-se consciência de um pensamento titânico; sente-se que algo já foi alcançado aí, que há nisso uma vitória, triunfo. Até se começa como que a temer algo. Por mais que se seja independente, isto por alguma razão nos assusta. Não será este realmente o ideal atingido?, pensa-se. Não será o fim? Não será este, de fato, o rebanho único?”¹⁹

O que se esboça nas narrativas de Marx e Dostoiévski, adquire contornos mais nítidos, impressionantes e fascinantes nas narrativas de Weber e Kafka. Está em curso o processo de burocratização, tecnificação, sistematização ou modernização. Por dentro do processo de desencantamento do mundo, manifesta-se a racionalização e esconde-se a alienação.

Esse é um enigma ressoando longe, no passado e no futuro. A fábrica da sociedade moderna, que está na base da máquina do mundo, funciona de modo cada vez mais racional, desenvolvendo a emancipação e a alienação de indivíduos e coletividades. Juntamente com as realizações e ilusões simbolizadas na emancipação, a ciência e a técnica intensificam e generalizam a alienação. É como se o elemento satânico e vampiresco escondido nas conquistas da razão adquirisse formas cada vez mais sofisticadas e inesperadas.

¹⁹ Fiódor Dostoiévski, *Memórias do Subsolo e Outros Escritos*, trad. de Boris Schnaiderman, Editora Pauliceia, São Paulo, 1992, p. 226. Citação de “Notas de Inverno sobre Impressões de Verão”, cap. intitulado “Baal”.

No primeiro momento, já se revela o elemento satânico presente na fábrica da sociedade moderna, aquela que se produz e expande com a revolução industrial, a mercantilização generalizada e o predomínio do capital. É muito significativo que nesse primeiro momento o operário desesperado quebra a máquina, por meio da qual se estabelece a forma e o ritmo do seu trabalho, da sua atividade produtiva. Esse o significado do movimento luddita dos primeiros anos do século dezanove na Inglaterra, que tomou o seu nome de um desses operários, chamado Ned Ludd. Essa também é a ocasião em que William Blake formula a metáfora “moinho satânico” em um dos seus poemas do livro *Milton*²⁰.

Algumas décadas depois, a fábrica da sociedade moderna já se havia desenvolvido bastante, espalhado o seu modo de funcionar, os seus produtos, as suas inovações e os seus problemas sociais pelo mundo afora. Então, já se torna mais claro o caráter vampiresco da máquina, no sentido de capital e técnica associados consumindo a força de trabalho, isto é, as energias físicas e espirituais do operário.

“O capital tem único impulso vital, o impulso de valorizar-se, de criar mais-valia, de absorver com sua parte constante, os meios de produção, a maior massa possível de mais-valia. O capital é trabalho morto, que apenas se reanima, à maneira dos vampiros, chupando trabalho vivo e que vive tanto mais quanto mais trabalho vivo chupa”.²¹

²⁰ William Blake, *Poesia e Prosa Selecionadas*, Edição Bilingue, Tradução e Prefácio de Paulo Vizioli, Nova Alexandria, São Paulo, 1993, p. 101.

²¹ Karl Marx, *O Capital*, citado, vol. I, pp. 179-180. Citação extraída do cap. VIII: “A Jornada de Trabalho”.

Talvez esse seja o clima no qual se escrevem algumas narrativas que podem ser tomadas como alegorias da sociedade moderna, na qual predominam os moinhos satânicos e as máquinas vampirescas. Cabe lembrar que *Frankenstein* de Mary Schelley é de 1817, *O Médico e o Monstro* de Robert Louis Stevenson de 1886 e *Drácula* de Bram Stoker de 1897. Podem ser fantasias literárias. Mas também podem ser alegorias nas quais se exorcizam inquietações, ambições e aflições individuais e coletivas, como está ocorrendo, simultaneamente, em narrativas de sociologia, política, história, economia e outras.

Nota-se a multiplicação de metáforas reveladoras de algumas das faces da modernidade: moinhos satânicos, máquinas vampirescas, prisão de ferro, aparelho destinado a executar sentenciados, desencantamento do mundo. São artifícios de narrativas sociológicas e literárias sem os quais pouco se pode entender a formação e transformação do mundo moderno. São formas de taquigrafar e decantar, conhecer e exorcizar algumas das tensões e tendências mais profundas do que também se pode traduzir por modernidade.

Sim, o enigma “racionalização e alienação” ressoa lá longe, no passado e no futuro, além de impregnar amplamente o presente. Talvez sintetize de modo particularmente complexo, contraditório, fecundo, surpreendente, assustador e fascinante, algo que pode ser essencial da sociabilidade moderna. Revela que o desencantamento do mundo continua a desenvolver-se, tanto dissipando como ressuscitando ou mesmo engendrando novos fantasmas.

5. DESENCANTAMENTO E DANAÇÃO

Grande parte da história do pensamento moderno e contemporâneo, conforme ele se expressa nas produções das ciências sociais e nas criações artísticas, polariza-se no enigma da modernidade; e da pós-modernidade. Muito do que se pode dizer sobre esses estilos de ser ou imaginar aparece de forma particularmente nítida em algumas das realizações de cientistas sociais e artistas. Nesse sentido é que determinadas obras podem ser tomadas como emblemas da modernidade: O Príncipe de Maquiavel, Hamlet de Shakespeare, Pantagruel de Rabelais, *Dom Quixote* de Cervantes, *Discurso do Método* de Descarte, *Fenomenologia do Espírito* de Hegel e outras. Da mesma forma que se pode tomar como emblemas da pós-modernidade: *A Memórise* de Kafka, *O Homem sem Qualidades* de Musil, *Ulisses* de Joyce, *Esperando Godot* de Beckett, *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein, *As palavras e as Coisas* de Foucault e outras.

Mas o que pode ser o segredo e, simultaneamente, o enigma da modernidade e da pós-modernidade diz respeito ao vasto, intrincado e infundável processo de desencantamento do mundo. Sim, muitas das produções e criações de uns e outros surpreendem ou inventam temas e dilemas, situações e incidentes, signos e símbolos, figuras e figurações que envolvem mais ou menos decisivamente o desencantamento do mundo. Essa pode ser a missão consciente e inconsciente, possível e impossível, heróica ou medíocre de figuras imaginárias ou típicos-ideais: o príncipe Hamlet vagando hamletianamente pelo reino da Dinamarca; o cavaleiro da triste figura batalhando figuras imaginárias povoando suas fantasias decantadas dos livros; o britânico self-made-man

Robinson Crusoe administrando o próprio êxito e o nativo Sexta-Feira; o transparente Cândido revelando o homem natural; o imaginoso, ambicioso e torturado romantico-iluminista Fausto batalhando com Mefistófeles; madame Bovary extraviado em seu bovarismo; as tensões, lutas, acomodações e impossibilidades na trama das relações entre o burguês e o operário, o revolucionário e o suicida, o intelectual e o demagogo, o carismático e o niilista; os irmãos e o pai Karamanzov revelando a tragédia escondida nos laços de sangue; o viandante Zarastustra solitário na travessia pelos orientes do ocidente; o desesperado senhor K condenado a nunca saber o motivo da condenação; os imaginários Vladimir e Estragon dialogando sobre o ser e o não-ser em um mundo fantasmagórico povoado de signos rarefeitos.

Parece evidente que muito do que se realiza, em termos de modernidade e pós-modernidade, ou desencantamento do mundo, diz respeito ao indivíduo. No limite, é sempre ele que está em causa, lutando, sublimando ou exorcizando: realidade e ilusões, desesperos e emancipações, certezas e equívocos, utopias e nostalgias ou demônios e encantamentos.

A modernidade diz respeito à emergência do indivíduo, como singularidade, discernimento, afirmação, atividade, auto-consciência, luta, ambição, derrota ou ilusão. Esse o indivíduo que se desenha nas realizações científicas, artísticas e filosóficas, iniciando e desenvolvendo os tempos modernos. Esse indivíduo já se desenha em Hamlet, O Príncipe, Don Juan, Robinson Crusoe, o bom selvagem, o servo e o senhor, Fausto, Goriot, Bovary e muitos outros, parecendo reais, imaginários ou típico-ideais. Em todos desenham-se diferentes traços, movimentos, sons e cores, tanto quanto modos de ser,

sentimentos e entendimentos do indivíduo que se forma com a modernidade, simbolizando-a. Daí nascem o *flaneur* de Baudelaire, o *blasé* de Simmel, o *homo economicus* de Alfred Marshall e o *individualismo metodológico* de Hayek e Popper.

Talvez se possa afirmar que Robinson Crusoe sintetiza alguns dos traços mais característicos do individualismo da modernidade. Pode ser visto como um experimento artístico e sociológico heurístico, por meio do qual revelam-se alguns dos desafios e oportunidades, sentimentos e entendimentos, frustrações e realizações típicos da sociabilidade emergente com a sociedade civil, as classes, o mercado, a iniciativa individual, as técnicas de produção e controle, os nexos entre sociedade e natureza e a transformação da religiosidade em algo individual, privado, subjetivo. Sem esquecer que tudo isso se completa e desenvolve no contraponto com Sexta-Feira, o nativo subordinado, administrado. Ele é o "outro" sem o qual o individualismo permanece incompleto, carente de referências para realizar-se.

"Robinson Crusoe alinha-se naturalmente com os grandes mitos da civilização ocidental, com Fausto, Don Juan e Don Quixote. Todos eles procuram obstinadamente concretizar um dos desejos característicos do homem ocidental. Cada um encarna uma *arete* e uma *hubrie* - um valor excepcional e um excesso vicioso -, em esferas de ação particularmente importantes em nossa cultura. Don Quixote tem a impetuosa generosidade e a obsessão restritiva do idealismo cavaleiresco; Don Juan procura e ao mesmo tempo se atormenta com a idéia da ilimitada experiência com as mulheres; Fausto, o grande sábio, jamais satisfaz sua curiosidade e por isso é condenado. Naturalmente Crusoe negaria sua afinidade com tais personagens; estas são criaturas excepcionais, enquanto qualquer um faria o que ele fez nas circunstâncias dadas. Contudo Crusoe também possui um valor excepcional: é auto-suficiente. E tem um

excesso: o egoísmo exagerado condena-o à solidão, onde quer que esteja. Pode-se argumentar que ele é obrigado a ser egocêntrico, pois se vê abandonado numa ilha. Mas também deve-se admitir que anda procurando seu destino e que a ilha lhe proporciona a oportunidade única de concretizar o grande anseio da civilização moderna: a absoluta liberdade econômica, social e intelectual do indivíduo”.²²

Com o individualismo desenvolve-se o desencantamento do mundo, algo também essencial da modernidade. Na mesma medida que se afirma e expande o âmbito da razão, modifica-se mais ou menos drasticamente o significado da religião, superstição e tradição na vida do indivíduo e da sociedade. Pode-se afirmar que o desencantamento não se expressa apenas no experimentalismo de Galileu e Bacon, ou na interpretação das revoluções celestes realizadas por Copérnico e Kepler. Manifesta-se nas interrogações de Hamlet metaforizadas nas “palavras, palavras, palavras”; assim como na audácia do Príncipe, quando combina *virtù* e *fortuna*. E revela-se de modo pleno no “penso, logo existo” cartesiano; assim como na frase kantiana: “Tenha a coragem de servir-te da própria razão, eis o lema da ilustração”. Essas são algumas das conquistas da modernidade, que irão manifestar-se em forma ainda mais desenvolvida na dialética do “servo e senhor”, formulada por Hegel na *Fenomenologia do Espírito*.

Mas o desencantamento não é tranqüilo. Ao contrário, está atravessado por enigmas e encantamentos. Pouco a pouco, por dentro do

²² Ian Watt, *A Ascensão do Romance*, trad. de Hildegard Feiat, Companhia das Letras, São Paulo, 1990, p. 77. Consultar também: Ian Watt, *Myths of Modern Individualism* (Faust, Don Quixote, Don Juan, Robinson Crusoe), Cambridge University Press, Cambridge, 1966.

mesmo individualismo que simboliza a modernidade, desenvolve-se o ascetismo protestante, comprometendo vocação e profissão com predestinação: ninguém sabe se está destinado à salvação ou à danação.

“O homem, pela sua queda em um estado de pecado, perdeu completamente toda capacidade de desejar qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação... Por decreto de Deus, para manifestação de sua glória, alguns homens e anjos são predestinados à morte eterna... Aqueles do gênero humano que estão predestinados à vida, foram escolhidos para a glória com Cristo por Deus, antes de efetuada a criação do mundo...”²³

“Desapareceu o Pai Celestial do Novo Testamento tão humano e compreensivo, que se alegra com o arrependimento de um pecador como uma mulher com a moeda de prata perdida que encontrou. Seu lugar é ocupado por um ser transcendental, além do alcance do entendimento humano, que, em seus desígnios inteiramente imprevisíveis decidiu o destino de cada um e regulou os mínimos detalhes do cosmos na eternidade. A graça de Deus, uma vez que seus desígnios não podem mudar, é tão impossível ser perdida por aqueles a quem Ele a concedeu como é inatingível por aqueles aos quais Ele a negou. Em sua patética desumanidade, esse pensamento deve acima de tudo ter tido uma conseqüência para a vida de uma geração que se rendeu à sua magnífica consistência: o sentimento de uma inacreditável solidão interna do indivíduo. No que era, para o homem da época da Reforma, a coisa mais importante da vida - sua salvação eterna - ele foi forçado a, sozinho, seguir seu caminho ao encontro de um destino que lhe fôra designado na eternidade. Ninguém poderia ajudá-lo”.²⁴

²³ Max Weber, *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, citado, pp. 68-69.

²⁴ Max Weber, *op. cit.*, pp. 71-72.

Esse é o indivíduo de que fala Mefistófeles, dialogando com Deus, no *Fausto* de Goethe. Apesar das conquistas da razão, não se livra do anseio de salvação e do risco da danação.

“Bem melhor viveria um ser que é tão franzino,
Não tivesses lhe dado o lampejo divino
Que se chama razão e que o faz mais brutal
Do que todos os bichos do reino animal. (...)
E move-o, sem dúvida, ânsia do Infinito,
De que é louco talvez ande mesmo ciente.
Quer do céu as estrelas, esse pobre aflito,
E da Terra os prazeres todos busca e sente.
De tudo o que há na terra ou no céu, em alto rito,
Nada há que o console ou que o apascente”²⁵

Em certa medida, as diversas linguagens artísticas e científicas estão continuamente surpreendendo, sublimando, exorcizando ou imaginando o indivíduo moderno. É como se ele estivesse sendo retirado da pedra bruta, como nas estátuas “inacabadas” de Miguel Ângelo. Já que ele está difuso, disperso, extraviado, inacabado ou no limbo, cabe a essas linguagens conferir-lhe os traços e os movimentos, a voz e os pensamentos, ou a figura e a figuração.

Sim, o enigma é o lugar do indivíduo no mundo, em face dos outros e de si mesmo, das façanhas e adversidades, das utopias e nostalgias, dos demônios e encantamentos. No âmbito da modernidade e no curso do desencantamento do mundo, continuam a manifestar-se as mais surpreendentes formas de encantamento. Aí é que entram

²⁵ Goethe, *Fausto*, trad. de Silvio Augusto de Bastos Meira, Editora Três, São Paulo, 1974, pp. 37-38.

Hamlet, Dom Quixote, Don Juan, o Dr. Fausto, os Irmãos Karamanzov, o Pai Gariot, a Madame Bovary, o Sr. K., o Homem Sem Qualidades e muitos outros; heróis e farsantes, determinados e covardes, iluminados e equivocados, iludidos e ilusórios.

Às vezes, o desencantamento entra no circuito do paroxismo. Tudo se descola do que parecia verossímil, consistente, plausível, convincente. A narrativa convida o leitor para o pleno exercício da imaginação. Tem-se a impressão de que a fantasia enlouqueceu ou de que tudo parece inócuo, gratuito.

Mas logo fica evidente que o paroxismo, a fantasia ou a loucura ressoam algo do clima da época. Tanto as ilusões como os demônios que povoam a época invadem a fantasia que se presume solta, livre, isenta, inocente. Mais que isso, essas narrativas podem revelar algo excepcionalmente recôndito e essencial da época, que a própria cultura da época recobre, esconde ou nega.

Aí é que entram, em outro tom e andamento, as outras narrativas: *Frankenstein* de Mary Schelley publicado em 1817, *o Médico e o Monstro* de Robert Louis Stevenson em 1886, e *Drácula* de Bram Stoker de 1897. São variações enlouquecidas do indivíduo escondido no enigma da modernidade. Nesse momento, as narrativas parecem mesclar ciência e imaginação, técnica e fabulação, desencantamento e danação.

Drácula é a recriação de uma lenda antiga, relativa a época em que ainda não se falava em sociedade moderna e, muito menos, capitalista. Mas foi recriada no fim do século dezenove, em plena sociedade moderna, de classes, burguesa, capitalista. Uma sociedade urbano-industrial, na qual a secularização, a individuação e a competição já se

havam desenvolvido bastante. O clima sócio-cultural desse tipo de sociedade pode ter sido um fermento particularmente ativo na imaginação que fabula uma forma singular de vampirismo, quando a satanização do outro parece isenta de superstição ou religião. O engenho e o êxito de Drácula diante das vítimas pode ser uma demonstração de eficácia, competência, discernimento, determinação e planejamento. Uma forma exagerada, exacerbada ou mesmo enlouquecida de exercer a profissão, cumprindo a vocação.

Em *O Médico e o Monstro* convivem o bem e o mal, o espírito público e o egoísmo, a tolerância e a agressividade, a generosidade e a brutalidade. São dimensões antitéticas, contraditórias e reciprocamente referidas. São exorcizadas e sublimadas nas formas de sociabilidade prevalentes em âmbito público e privado. Mas polarizações presentes, ativas e permanentes na sociedade. São polarizações que se excluem, negam ou antagonizam, mas subsistem e ressurgem nos mais diversos círculos de convívio social; todo o tempo constituindo-se reciprocamente. O médico e o monstro podem ser dois tipos ideais, dentre os muito que se elaboram na trama das relações sociais, no jogo das forças que movimentam a sociedade, em todos os níveis. Dizem respeito a valores ou idéias, ilusões ou aflições, prevalentes em muitas formas de sociabilidade, como o racional e o irracional, o normal e o patológico, o consciente e o inconsciente, o que parece e o que não é.

Frankenstein é todo ciência e técnica. O produto da mente racional organizada em termos lógicos, raciocinando com base em conhecimentos científicos e desenvolvendo uma espécie de experimento. É uma das criações por meio das quais a razão científica alcança o paroxismo, já que produz a vida, o ser vivo capaz de agir por si. Um ser

semelhante ao homem, no qual se manifestam algumas características peculiares deste. Mas é, simultaneamente, uma realização de características que a mentalidade predominante na sociedade procura controlar, administrar ou modificar. E quando não consegue nada disto, resta suprimir a criatura, entrar em pânico diante da sua autonomia, ou maravilhar-se com a invenção da criatura alienando o criador.

Sim, *Frankenstein* pode ser lida como uma narrativa excepcional sobre a dialética “criador e criatura”. A criatura torna-se independente, rebelde e diferente. Possui características humanas e monstruosas, de tal maneira que surpreende e atemoriza o seu criador; inclusive porque pode ser seu espelho. Quer comportar-se como “humano”, mas também comporta-se como “selvagem”. Quer uma companheira também criada como ele, para acompanhá-lo; para reduzir ou povoar sua solidão. Reivindica ardentemente a companheira, outra pessoa, para que possa completar-se, constituir-se e eventualmente humanizar-se, formando-se como ser social. Talvez se humanize, isto é, torne-se semelhante aos humanos. Por via das dúvidas, no entanto, com a companheira, aceitaria não viver na “Europa”, iria para a “América do Sul”.

“Se não puder inspirar amor, provocarei o medo, particularmente em você que é meu superinimigo. Porque você é meu criador, eu lhe juro um ódio implacável. Acautele-se. Trabalharei pela sua destruição até que esteja tão arruinado, que amaldiçoará a hora em que nasceu...”

“Irei para as florestas sem fim da América do Sul. Meu alimento não é o do homem: não matarei os carneiros nem os cabritos para saciar minha fome; para me nutrir, serão suficientes raízes e frutos silvestres...”

“Consinto em atendê-lo sob o solene juramento de que você deixará a Europa para sempre, e qualquer lugar na vizinhança do homem, logo que eu lhe entregar uma companheira que o seguirá em seu exílio...

“Mesmo que eles deixassem a Europa para viver nas regiões desérticas do Novo Mundo, uma das primeiras conseqüências da vida em comum, pela qual o demônio tanto ansiava, seriam os filhos. Assim, se propagaria pelo mundo uma raça de demônios, que poderia tornar a própria existência da espécie humana precária e cheia de terror...

“Tremendo de ódio, despedacei a coisa em que estava trabalhando. O desgraçado viu-me destruir a criatura da qual dependia sua futura felicidade e, soltando um uivo de desespero e vingança, retirou-se...

“Quando eu morrer, ficarei satisfeito com que a minha memória seja coberta de ódio e opróbrio. Uma vez, em minha fantasia, embalei sonhos de virtude, de fama e de prazer. Uma vez, tive a ilusão de encontrar seres que, perdoando a minha forma exterior, me amassem pelas excelentes qualidades que era capaz de revelar. Fui alimentado com elevados pensamentos de honra e devoção”.²⁶

A ironia, isto é, uma das ironias dessa história, é que Frankenstein se torna um enigma muito simbólico das antinomias que permeiam a cultura europeia, ocidental, burguesa ou judaico-cristã. Primeiro, o nome Frankenstein tem sido atribuído, simultaneamente ao orientador e à criatura. Na versão original, Frankenstein é o cientista que cria o monstro, pois este não tem nome. Mas o monstro acaba por ser conhecido por Frankenstein, o que pode significar que um se torna espelho do outro. Mais uma vez, a dialética criador e criatura transfigura am-

²⁶ Mary Schelley, *Frankenstein*, trad. de Miécio Araújo Jorge Honkis, L. & PM Editores, Porto Alegre, 1985, pp. 140, 142, 159-160 e 210.

bos, confundindo-os. Nunca mais um existirá sem o outro. Segundo, esse é um enigma sempre presente na cultura ocidental. É recriado sob muitas formas, mas reitera-se continuamente, ecoando Mesfistófeles: pecado e salvação, alienação e emancipação ou razão e danação.

Sob vários aspectos, a modernidade e os seus desdobramentos permitem levar o indivíduo a extremos inesperados e desesperados. Alcança paroxismos surpreendentes, assustadores e fascinantes. O indivíduo pode tanto afirmar-se como apagar-se, tanto salvar-se como desesperar-se. Em um mundo cada vez mais padronizado e administrado, o indivíduo tende a tornar-se mera abstração.

“A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões. Para as pessoas na esfera profissional, as decisões são tomadas pela hierarquia que vai das associações até a administração nacional; na esfera privada, pelo esquema da cultura de massa, que desapropria seus consumidores forçados de seus impulsos internos. As associações e as celebridades assumem as funções do ego e do superego, e as massas, despojadas até mesmo da aparência da personalidade, deixam-se modelar muito mais docilmente segundo os modelos e palavras de ordem dadas, do que os instintos pela censura interna”.²⁷

²⁷ Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento (Fragmentos Filosóficos)*, trad. de Guido Antonio de Almeida, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1985, pp. 189-190.

6. NARRAÇÃO E VISÃO DO MUNDO

O diálogo entre a sociologia e a literatura envolve vários enigmas, provavelmente fundamentais. Em uma breve enumeração podem ser enunciados nos seguintes termos: texto e contexto, sociologia e ficção, literatura e conhecimento, sociologia, literatura e narração, narração e fabulação, tipos e tipologias, categorias e metáforas, estilos de pensamento e visões do mundo. São enigmas importantes, por suas implicações no que se pode entender por “sociologia” e “literatura”. Além disso, permitem desenvolver a reflexão sobre essas formas narrativas como expressões do mundo da cultura. Em especial, podem elucidar aspectos mais ou menos decisivos dos processos de exorcismo, sublimação e fabulação, sempre presentes no mundo da cultura. É provável que toda narrativa sociológica e literária, independentemente da sua realização, possa ser tomada como uma forma de desencantamento e reencantamento do mundo. Algo que pode ser comum a todas as linguagens artísticas, científicas e filosóficas. Como o mundo é complexo, intrincado, difícil problemático, contraditório, contínuo, descontínuo, opaco e infinito, os indivíduos e as coletividades estão sempre empenhados em alguma forma de exorcismo, sublimação ou fabulação. Muda a linguagem, mas permanece a obsessão de desencantar e reencantar, para que se pareça com a utopia ou a nostalgia.

Sob vários aspectos, o sociólogo e o escritor narram. O mesmo se pode dizer do historiador, antropólogo e outros cientistas sociais; assim como do poeta, pintor, cineasta e outros artistas. Também o filósofo narra. Narrar é algo comum a todos, como a dimensão mais global do processo de elaboração, produção, criação ou realização de

uns e outros. Em todos os casos, a despeito das diferenças de linguagens, todas as realizações traduzem-se em textos ou narrativas nas quais há sempre algo de exorcismo, sublimação ou fabulação.

À base de recursos narrativos distintos, com frequência o escritor e o sociólogo constroem tipos e tipologias. As situações, os incidentes e os dilemas podem tornar-se o cenário móvel, ágil, complicado, labiríntico, caótico ou organizado, transparente e límpido, no qual movimentam-se figuras e figurações, indivíduos e coletividades, pessoas e personagens ou tipos e tipologias.

São muitos os tipos que povoam as narrativas literárias e sociológicas. Independentemente das intenções dos seus autores e dos contextos nos quais estão situados, alguns desses tipos transformam-se em modelos ou arquétipos. São reiterados, recriados e transfigurados pelos diferentes leitores, em outros lugares e épocas. Inclusive ressoam em outras narrativas, próximas ou remotas, em outras linguagens, tornando metanarrativas atravessando fronteiras, épocas, culturas e civilizações.

Talvez se possa afirmar que a construção de tipos e tipologias pode ser um indício importante de como a narrativa literária, tanto quanto a sociológica, está desafiada e fascinada pela “realidade”. Mesmo porque a realidade histórica ou virtual, dada ou imaginada, revela-se um vasto e fecundo manancial de matéria de criação para cientistas, artistas e filósofos. E os tipos e as tipologias revelam-se algo que como uma decantação de que se imagina que possa ser a “realidade”; ou de como se gostaria que ela fosse ou parecesse.

É verdade que o sociólogo procura estar próximo da “realidade”, dos dados ou do universo empírico delimitado por suas interrogações

ou hipóteses. Nesse sentido, busca a fundamentação “objetiva” do conceito, categoria, lei, compreensão ou explicação. Lida com dados, evidências ou significados, de modo a apreender o singular e o universal, bem como as mediações.

O escritor, por seu lado, cria situações, incidentes, personagens, figuras e figurações imaginários. Ainda que situe a sua estória em algum lugar e em dado momento, o referencial histórico ou empírico pode tornar-se secundário ou mesmo diluir-se. Trata de surpreender o singular, episódico, incidental e fugaz; ou o que estaria na sombra e esquecido, parecendo irrelevante. Em geral, no entanto, quando bem desenvolvida, a narrativa literária desvenda ressonâncias mais gerais, ou propriamente universais, escondidas no singular.

Devido à relação evidente ou implícita, real ou imaginária, transparente ou esquizofrênica, com a “realidade”, a sociologia e a literatura revelam-se formas de auto-consciência. Não se trata de aceitar tranqüilamente que existe uma dada “realidade”, a qual poderia ser descrita, compreendida, explicada ou imaginada. A despeito das dúvidas, é inegável que essas formas narrativas conferem ao leitor a convicção ou a ilusão de que pode ser ou teria sido o dilema, a situação ou o incidente. Mesmo que se afirme e reafirme a autonomia do texto, como sistema ou aglomerado de signos, mesmo nesses casos há sempre climas, tensões, dilemas, situações ou incidentes que se depreendem, articulam, movimentam, transfiguram ou desvanecem. Cada leitor, ao traduzir o dito e a desdita, termina por taquigrafar, desenhar, colorir, sonorizar, movimentar e tensionar a situação, incidente, dilema, figura, tipo ou universo apresentado ou sugerido, intuído ou imaginado.

Juntamente com a construção de tipos e tipologias, e na mesma medida que se realiza alguma forma de autoconsciência, a narrativa realiza uma espécie de desvendamento. Seja sociológica ou literária, ela “elucida” o narrado, seja este real ou imaginado. Em geral, a narrativa elucida o que parece complicado, enigmático, opaco, infinito. Se não esclarece no sentido de explicação, situa o que está na sombra, escondido, suposto ou não revelado, em termos de compreensão. Seja quando desfaz magias e superstições, seja quando as reitera e desenvolve, nos dois casos a narrativa realiza algo do desencantamento do mundo. Ao narrar, traduz. Mesmo quando recria, lança luz. Pode tornar o desconhecido e misterioso em algo evidente e transparente, sem prejuízo de que se reitere o misterioso, a magia e o sortilégio.

Qualquer narrativa pode ser vista como um “todo” significativo. Não se trata de imaginar que esse todo é necessariamente coerente, sistemático e transparente. Pode ser complicado, labiríntico e caótico. Expressa algo que estaria necessariamente circunscrito aos signos, símbolos, figuras e figurações do texto. Mas pode também expressar algo que transborda ou irrompe pelo texto a fora.

É claro que o todo representado pela narrativa é antes de mais nada o do texto. Este é um conjunto de elementos sintáticos e semânticos, ritmos e sons, figurações, metomínias e metáforas. Pode ser mais ou menos complicado, claro, límpido, hermético, transparente ou caótico. Em todos os casos, revela-se um todo em movimento; sempre movimentado e multiplicado pelo leitor, em cada lugar e época.

Enquanto todo um movimento, o texto sempre expressa, traduz, sugere ou induz alguma forma de percepção, compreensão, entendi-

mento, representação ou fabulação. Mesmo que esteja radicalmente dissociado de qualquer “contexto”, necessariamente expressa ou induz algo que resulta do processo de elaboração realizado pelo autor, da sua criação. Como é óbvio, a criatura nem sempre se comporta como pretende o criador. Esse é o momento em que o texto pode revelar algo ou muito de uma situação ou conjuntura. Há ocasiões nas quais o texto pode ser uma excepcional síntese de tensões e vibrações, inquietações e perspectivas, aflições e horizontes de indivíduos e coletividades, em dada situação, conjuntura ou emergência. Nesse sentido é que algumas obras de literatura, assim como de sociologia, podem ser e têm sido tomadas como sínteses de visões do mundo prevalecentes na época.

NOME (Name): _____

ENDEREÇO (Address): _____

RECEBEMOS: _____

We have received: _____

FALTA-NOS: _____

We are lacking: _____

ENVIAMOS EM PERMUTA: _____

We are sending in exchange: _____

DATA: _____

Date: _____

ASSINATURA: _____

**A NÃO DEVOLUÇÃO DESTA IMPLICARÁ NA
SUSPENSÃO DA REMESSA**

Non-acknowledgement of receipt will indicate that further
publications are not wanted.

